

“QUERO” : A REVISTA DA MULHER CATÓLICA PARAENSE

Liliane Cavalcante. Pontifícia Universidade Católica /SP

Buscando novas fontes que mostrassem a vida da mulher paraense do início do século XX fora do espaço privado, analiso a revista feminina católica “Quero”, que traz artigos

assinados por mulheres que faziam parte do movimento internacional “Ação Católica”, que surge como uma tentativa de recristianização da sociedade paraense.

A ausência da mulher na vida pública, nos leva a um problema quando olhamos sua participação na história, pois a historiografia tradicional visando a vida pública lhe dá pouco espaço, . “Essa ausência no nível da narrativa se amplia pela carência de pistas no domínio das “fontes” com as quais se nutre o historiador...”ⁱ . Nesse sentido, faz-se necessário buscar novas fontes, como as literárias impressas, relatos orais, diários, entre outras que podem nos falar algo, sobre as mulheres fora do espaço privado, onde as revistas femininas ganham destaque,

“(...) território fértil para pensar ou reler a história das pequeno burguesas, das leitoras urbanas, fazedora de uma cultura conservadora e identificada com as regras impostas pelo Estado e pela Igreja.(...). As revistas femininas, invasoras dos espaços públicos e dos privados, ajudam ainda a interiorização masculina pela interferência direta no imaginário feminino”ⁱⁱ

Segundo Ragoⁱⁱⁱ as revistas femininas do início do século XX tem como característica a busca de um espaço coletivo para as mulheres, onde essas poderiam se pensar, tentando definir e produzir sua subjetividade, mostrando seus desejos e interesses, diferenciando-se assim dos homens; um exemplo era a defesa do voto feminino. Embora essas revistas divulgassem conquistas das mulheres incentivando-as a participarem da vida econômica, política e social do país, não estavam livres dos preconceitos em relação à figura feminina. Analisando as duas principais revistas femininas de São Paulo, no início do século: **A Mensageira**, fundada e dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, entre 1897 e 1900, e **A Revista Feminina** fundada, por Virgilina de Souza Salles, de tradicional família paulista, que circulou entre 1914 e 1936, concluiu-se que, tais revistas, se constroem dentro de um pensamento burguês, não reivindicando uma modificação radical na sociedade, não se envolvendo com movimentos revolucionários europeus, nem com as causas operárias do Brasil. Não se constituíram em um movimento feminista, não mobilizaram o público feminino, nem geraram lutas mais radicais.

Embora lutassem por um maior espaço feminino na vida pública, não conseguiram se desligar das teses biologizantes, herdadas da ciência vitoriana, que justificaram, de todos os modos, a inferioridade biológica, cerebral e intelectual da mulher. A principal tese que as revistas reafirmavam era a predestinação natural da mulher à maternidade, embora defendesse a idéia de que era necessário o aprimoramento das mesmas pela educação. As revistas tentam mostrar que alcançando a esfera pública, estudando, trabalhando, votando, dirigindo, a mulher não se masculinizaria, nem abandonaria as atividades que desempenhavam na organização da vida familiar, ponto que devia ser um dos fortes argumentos contra a luta das mulheres por sua emancipação.

A revista feminina (QUERO) que deu origem a esse trabalho, tem a peculiaridade de fazer parte de um movimento da Igreja Católica: “Ação Católica”, que surge

como uma reação da Igreja para fazer uma reaproximação da sociedade com a vida paroquiana, dando ênfase a participação do apostolado leigo. A revista, e as questões que aborda, delinea-se a cada página, como parte de uma estratégia de envolver as mulheres nesse apostolado, tendo lugar de destaque nessa missão recristianizadora, uma vez que tinham a função de educar a nova geração, fazendo com as participantes do movimento se sentissem parte de um grande projeto divino, onde sua função seria converter em seu meio, servir a Cristo:

“MILITANTE.....

Esta palavra para nós, que temos a grande ventura de formar nas fileiras da A C, significa: “soldado de cristo” Poderá um soldado ficar inactivo quando sua pátria o chama para defende-la? Um “não” enérgico seria vossa resposta, se assim vos perguntasse; e como podeis então guardar as vossas armas quando Jesus vos chama para defesa do seu reino?.”^{iv}

Além do que o discurso, moralista e conservador incutido em cada matéria, parecem ter o objetivo de manter sob controle, ou mesmo influenciar o cotidiano feminino, que desde o século XIX começam a surgir de maneira mais agressiva no espaço público, ocupando espaços que até então eram exclusivamente masculinos, e eram-lhes negados inclusive por essa instituição, há nesse momento por parte das mulheres um questionamento sobre sua posição de submissão e sua suposta inferioridade biológica que seria a justificativa para a sua exclusão na vida pública.

“o século XIX assistiu a emergência da ação coletiva das mulheres e à formação das primeiras correntes feministas em grande número de países do mundo ocidental. Após longos séculos, pela primeira vez, as mulheres conheceram a possibilidade histórica de pensar sua condição, não mais como um destino biológico, mas também como uma situação social imposta pelo direito do mais forte, como uma injustiça. A mudança das percepções tradicionais que as mulheres tinham de si mesmas está ligada a modificação de sua situação objetiva na sociedade burguesa.(...) mas também o horizonte político-filosófico de seu tempo, incluindo o dispositivo conceitual que lhe é próprio e o determina, vale dizer, as possibilidades e as limitações de pensarem em si mesmas enquanto indivíduos e enquanto membros de um grupo oprimido(...)”^v

Para Margarethe Rago^{vi} nas primeiras décadas do século XX com uma participação cada vez maior da mulher na vida pública a sociedade precisou formular estratégias frente a esse avanço. A mulher que participava da vida pública, ao contrário dos homens era desconsiderada, e poderia ser confundida com a prostituta, como se observa nas fábricas, por exemplo. A sociedade usa representações como a prostituta, como estratégia para frear a participação feminina no espaço público. As fontes estudadas nos permitem ver que a Igreja não poderia estar passiva diante de tais mudanças: o movimento da ação católica chama toda a sociedade para uma “conversão”, uma suposta missão de arrebanhar todos os católicos “afastados”. Porém, as revistas femininas como a de nossa análise, e os grupos de católicas que estão envolvidos na sua formulação, podem nos dar uma idéia de como a Igreja se comportou diante das mudanças femininas que vinham se avolumando, desde fins do Século XIX, junto com o avanço do capitalismo, e de como tal instituição pretendia assegurar a sua influência sobre esse âmbito social. Cabe salientar que embora a revista contenha vários artigos femininos, era feita apenas por mulheres urbanas e católicas envolvidas na Ação Católica. Não representam, portanto, todas as jovens paraenses das décadas de 30 e 40. Na

maioria dos artigos percebemos na verdade os alertas contra comportamentos que estavam longe do ideal de mulher da Igreja, e também um apelo para que as jovens da A. C. se sentissem diferentes, e na obrigação de converter suas amigas:

“Uma sócia da Accão Católica tem que deixar de parte as futilidades, verdadeira epidemia em nossos dias. Sonhos e amores de telas cinematográficas ficaram para espíritos que se conformam com essa atmosfera de leviandade e que, por isso mesmo, não podem respirar mais alto uma atmosfera divina, onde o coração se expande e sente a fascinação irresistível de uma ascensão constante para Deus. Ao mesmo tempo, que pregar as virtudes, ela deve pratica-las de um modo eminente. Que em todo lugar onde chegue deixe rescender- o odor celeste do bom exemplo(...)”^{vii}

Nas primeiras décadas do século XX, a capital paraense assistiu, assim como no restante do país, a diversas mudanças no que diz respeito à inserção feminina no espaço público. Recentemente existem trabalhos acadêmicos mostrando a participação feminina na vida pública paraense; Luzia Álvares^{viii} em seu estudo sobre as ligas partidárias no Pará, de 1910 a 1937, mostra que, embora as mulheres no Pará estivessem fortemente cercadas por uma educação tradicional e patriarcalista, elas participam da política local, mesmo que de forma diferente dos homens. Percebemos, no entanto, que como no restante do país, a imprensa da época revela diversos artigos, geralmente feitos por homens, nos quais deixam claro que o espaço público, destina-se exclusivamente aos mesmos, cabendo à mulher limitar-se ao espaço doméstico, além de desvalorizarem o movimento sufragista feminino internacional. A partir de 1912 surgem ligas femininas partidárias, formadas por mulheres de classe alta e média, professoras de escolas públicas e jovens das famílias dos líderes políticos Lauro Sodré (liga feminina Lauro Sodré- 1912), Arthur Lemos (liga feminina Arthur Lemos 1912). Em 1935 destaca-se a liga de apoio a Magalhães Barata (legião feminina Magalhães Barata 1935).. As atividades dessas mulheres se limitam, pois fazem parte de estratégias dos grupos que ascendiam ao poder, como forças sociais novas. Na luta pela hegemonia da política de mando, a presença da mulher paraense no espaço público era vista como algo que devia ser controlado, para que essas voltassem à privacidade dos lares, para exercer os papéis que pareciam mais adequados: de cozinheira, mãe e esposa. Porém o simples fato da presença feminina num espaço público, marcadamente masculino, até os dias atuais, levava à uma contradição com os discursos e idéias de uma imagem feminina de fragilidade e limitação intelectual.

Edilza Fontes^{ix} em sua pesquisa sobre o predomínio do sexo masculino na profissão de padeiro em Belém, no período de 1934 a 1944, afirma que a sociedade belenense tem um imaginário feminino que a exclui de diversas profissões, e reserva às mesmas o espaço doméstico para suas atividades. Os seus serviços, na maioria, se apresentavam como uma extensão das tarefas domésticas no espaço público. Cabe salientar, porém, que o mesmo trabalho fala da presença de mulheres em repartições públicas, redações de jornais, escritórios comerciais, laboratórios, farmácias, consultórios médicos, hotéis, casas de moda, bares, casas de família, ou seja, estavam inseridas no mercado de trabalho e na vida pública de diversas formas, embora fossem discriminadas.

Diante de tais mudanças, e seguindo os preceitos da Ação Católica de moralização da família, a revista feminina “Quero”, mostra, de maneira enfática, a resistência católica de aceitação da mulher na vida pública, aos novos costumes e ao trabalho feminino

que, segundo a Igreja, seria um fenômeno da vida “moderna”, tema pelo qual há uma dedicação constante.

FEMINISMO OU HOMINISMO ?

(Nely Barbosa de Lima)

”A transformação nos costumes femininos, operadas com a guerra de 914, bastaria por si, só para caracterizar este século cinematográfico, por excelência.

-”Struggle for life” foi o imperativo uníssono de após guerra, E nessa luta desenfreada, no sobrehumano esforço em busca de alimento, o chefe-de família teve de lançar mão da reserva feminina. A esposa e as filhas, até então pesos nulos na economia doméstica, precisavam; ajudar. Por outro lado, nas lojas e escritórios, os patrões sentiam vantagens com as gentes auxiliares: o ordenado para uma moça podia ser muito menor que o exigido por um homem. Foi assim que as mulheres deixaram a agulha de “tricot” pelos “Deve e Haver”; a “Singer” pela “ünderwood”(…) Aí é que surge o perigo. De verdadeiramente feminino só lhes resta quasi o nome do baptismo. Para completar, casa-se um dia.habituada a governar-se, não admite que marido imponha proibições; ignorante de todos os misteres domésticos, entendia-se terrivelmente no lar. E surgem as incompatibilidades, as separações sem escândalo ou os desquites repletos de comentários.^x

A revista “Quero” tem início em setembro 1938, com publicação mensal. As fontes analisadas correspondem aos anos de 1939 até 1942, eram organizadas pela juventude católica feminina de Belém (JCFB), parte integrante da Ação católica de Belém. Uma das participantes da juventude feminina católica assim resume a função da revista:

COLEGAS!....

“Uma necessidade urgente se fazia sentir em nosso meio: a fundação de uma revista que dissesse, lá fora às nossas companheiras de ideal, que aqui no Pará também se trabalha com ardor e entusiasmo pelo triunfo de Cristo e de sua Igreja. E, assim, não obstante os grandes entraves que se antepõe sempre à concretização de uma idéia , apareceu “Quero”. “Quero” é uma revista católica de grande valor, não só pelos seus importantes artigos, como também pelo noticiário completo que faz de todo o movimento da juventude feminina católica em nossa capital. Stela^{xi}

Entre suas seções, tinha uma específica, para informar sobre a Ação católica e suas atividades; também havia um espaço para artigos de padres e outros representantes da Igreja, que geralmente tinha aconselhamento sobre a conduta moral das jovens. Existiam seções para os artigos e avisos dos diversos movimentos da juventude feminina católica de Belém: A juventude operária católica (JOC), A juventude estudantina católica (JEC) e a juventude independente católica (JIC). Todos esses movimentos faziam parte da Ação católica brasileira, criada em 1920 e oficializada em 1935, de início assemelhou-se à italiana, com movimentos de juventude, de adultos, femininos e masculinos: Homens da Ação católica (HAC), Liga feminina da Ação católica (LFAC), juventude católica brasileira (JCB masc.), e Juventude feminina católica (JUC). No setor da juventude surgiram as primeiras subdivisões

existentes eram a JEC, JOC, JIC, e posteriormente, a JUC- Juventude universitária católica. A revista analisada não faz nenhuma alusão à JUC.^{xii}

Para entendermos a doutrina da Igreja na elaboração do movimento da Ação Católica, é fundamental conhecermos um pouco da obra de Alceu Amoroso Lima^{xiii}, chamada de elementos da Ação Católica; nela encontramos uma explicação minuciosa do movimento religioso, seu objetivo, suas teorias, e de como ela poderia ser exercida. O livro, segundo o autor, seria a parte teórica, do curso sobre ação católica, que o mesmo professava. A primeira edição data de março de 1938. Em 1946, o livro é reeditado, com o título “Pela recristianização da idade nova”, a segunda parte do livro, até então inédita trata da importância do apostolado leigo, que durante os últimos quinze anos do seu trabalho, tinha demonstrado-se cada vez mais vital para a vida da Igreja. No primeiro capítulo, que fala sobre a teoria da A.C., ele tenta demonstrar a concepção católica da vida, onde deveria haver um elo entre a vida “ativa” do homem (das suas ações) com a vida “contemplativa” (seria aquela destinada a reflexão, a tarefa de se considerar a verdade). A combinação entre ambas seria a vida mística. Portanto, a vida apostólica com a A.C seria o complemento necessário a essas duas formas essenciais de vida, um meio de alcançar a vida mística no mundo moderno que não fez a união do material com o espiritual, pelo contrário, valoriza tal divisão. No segundo capítulo, fala do apostolado leigo, onde o sacramento da confirmação faria, de todos os cristãos batizados pela Igreja, soldados do Cristo; e a ação católica seria, propriamente, a vida do soldado, a serviço da Igreja, por amor à Deus e à glória da instituição, como seu supremo ideal.

De forma geral, a revista passa a mensagem de que as mulheres da Ação Católica, tinham a missão de cristianizar o país, começando pelos mais próximos como amigos e familiares, descrevendo qual a postura que devem adotar e quais as atitudes a serem evitadas. Seguia a orientação de que cada grupo deveria influenciar no meio em que convivia, ou seja, a revista propagandeava o ideal da Ação Católica.

“No meio deste século materializado de uma mentalidade semi-pagã, surge, qual farol brilhando em noite escura, a Acção Católica, este movimento colosso, enraivado já no mundo inteiro, com o seu programa divino de “restaurar tudo em Cristo”. Acção Católica— “participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja”. (...) cada um de seus membros, com toda a razão, deve ser um outro farol, em ponto menor, a espargir luz, não apenas ali e acolá, mas sempre, e em toda parte, para si, para o indivíduo em particular e para a sociedade”^{xiv}

Cada seção enfatiza um ponto em particular: a seção da JOC, por exemplo, fala sobre o trabalho feminino, uma vez que se dirige às operárias, enfatizando o papel de converter as amigas de trabalho, e traz em suas linhas, a visão da instituição, em torno dessa atividade feminina na esfera pública, notadamente um espaço masculino, na época. A revista trata, ao longo da maioria de seus artigos, da conduta moral e também do papel da mãe na esfera privada do lar, sendo o trabalho feminino constantemente desprestigiado, o que nos parece mostrar que a mulher no lar é fundamental para o movimento da Ação Católica. Embora a revista mostrasse de forma negativa as conquistas das mulheres no espaço público, ela própria abria espaço para dar voz a mulheres que na época teriam poucas oportunidades de se expressarem, e de deixar fontes escritas sobre suas atividades cotidianas, ou sobre como viviam sua fé dentro da Ação Católica.

Fontes e Bibliografia

Fontes citadas:

Revista:

Revista “QUERO” –órgão da juventude feminina católica de Belém número 07 1939 p:09;

Revista “QUERO” –órgão da juventude feminina católica de Belém número 13 1939 p:16/17

Revista “QUERO” –órgão da juventude feminina católica de Belém número 23 1940 p: 46

Revista “QUERO” –órgão da juventude feminina católica de Belém número 26-27 1940 p:11

Bibliografia:

AMOROSO, Alceu Pela cristianização da idade nova –Rio de janeiro –Agir –1946.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda Desmestificando o ideal feminino : memória e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará 1970-1937–In ÁLVARES, Luzia Miranda, D’INCAO, Maria Ângela –a Mulher existe ? uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia – Belém GEPEM 1995.pp133-140

BRUNEAU, Thomas –O catolicismo brasileiro em época de transição –São Paulo -Loyola 1974

DEL PRIORE , Mary- Gênero no Brasil. In Historiografia brasileira em perspectiva - São Paulo- SP- Contexto- 1998.

FONTES, Edilza –“Mulher na padaria dá problemas de amores”. In. A Amazônia e a crise da modernização, M. A D’Incao e I.M. da Silveira (orgs), (coleção Eduardo Galvão), Belém Pará : MPE G, 1994.

PERRROT, Michele –Práticas e memórias femininas. In Revista brasileira de história nº 18 A mulher no espaço público –ANPUH –São Paulo -1989 :9.

RAGO, Margarth –Os prazeres da noite, prostituição e código de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930) –Rio de Janeiro . Paz e Terra –1991

RAGO, Margareth, trabalho feminino e sexualidade. In História das mulheres no Brasil –São Paulo, Contexto: 2000.

VARIKAS, Eleni –Pária : Uma metáfora da exclusão das mulheres. In revista brasileira de história nº 18 A mulher no espaço público –ANPUH –São Paulo -1989 p19

ⁱ PERRROT, 1989 :9

ⁱⁱ DEL PRIORE ,1998 :209

ⁱⁱⁱ RAGO, 1991:67/70

^{iv} REVISTA “QUERO” –Órgão da Juventude Feminina Católica de Belém, nº 07, 1939:09

^v VARIKAS, 1989 :19

^{vi} RAGO,1991 : 39/40

^{vii} QUERO nº13 1939:17

^{viii} ÁLVARES, 1995:133/140

^{ix} FONTES,1994.

^x QUERO, nº 26,27 1940:11

^{xi} QUERO nº23,1940:46

^{xii} BRUNEAU,1974:180 .

^{xiii} AMOROSO,1946: 30/50

^{xiv} QUERO nº13, 1939:16